

09-01-2020

ENCONTRAR CREMILDINHA

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Um amigo, depois de me visitar várias vezes e de perceber que o meu gabinete de trabalho, na Universidade, está sempre cheio, observou: “você está sempre em bando”; “em cardume”, ou “em matilha”. Mesmo em viagens o substantivo coletivo é a norma indicada para me qualificar. Viajo junto, abraçado com várias amigas e amigos. Sozinho, eu não caminho. A minha resposta estava pronta referente ao meu gosto pelo “bando”. Disse a ele que sou um profissional de símbolos, portanto tenho uma função “genteira”, mexo com “almas” (subjetividade, consciência) para suscitar vontades; para motivar sujeitos a intervirem com lucidez e coragem nos espaços. Daí a parceria ser recorrente, cheia.

Quase tumultuada. “Alma para mim” - disse - “é açude; gente é sede, muita sede. Precisamos inventar água. Água é suor, suor é luta” - se sabe. Falei também de meu interesse total pelos jardineiros, pelos vendedores de xarope caseiro, pelas floristinhas noturnas, aquelas menininhas mais belas que as flores oferecidas aos compradores. Falei-lhe do meu entusiasmo pelos estudantes que sonham visitar Marte ou liderar a Revolução com cabelo rastafari e brincos prateados. Fora isso, encontro e troco ideias constantemente com poetas errantes, alguns, por alta propriedade cognitiva e marginal, nem cognição e pornografia; outros fervem o verbo para as imagens serem provocativas.

Vários desses poetas possuem o princípio de Manoel de Barros: “o cu de uma formiga é mais importante que uma usina nuclear”. Um parêntese.

Segundo a professora de Jornalismo literário, da UFG [Universidade Federal de Goiás], Angelita Lima, e a professora Valéria Cristina, do IESA [Instituto de Estudos Socioambientais], também da UFG, Manoel de Barros constrói uma poesia em que o simples e o extraordinário se amam livremente.

A estratégia versegante do poeta de ir em direção ao miúdo, ao esquecido, ao pisado, torna-se, na sua invenção, uma forma profunda de ler o cosmo e a vida. O modo estético do poeta falar a vida, segundo o próprio poeta, é traçado por “uma visão oblíqua das coisas”. A sua visão é uma transvisão. É ele mesmo que diz: “o olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê”. Caminho com Manoel de Barros.

Entretanto, ando, por sina do trabalho, também com gente engomada, vestida para nobres poses intelectuais.

E encontro, especialmente em Goiânia-Go, poetas oficiais de nomes considerados e de estirpes avolumadas nos negócios de status. Ouço-os declamarem ladainhas infinitas como se a vida fosse um púlpito. Depois saio olhando sacolinhas de plásticos deambulando entre paralelepípedos. Mas tenho preferência pelos poetas empedernidos, magricelas, suspeitos.

Muitos desses tomaram o caminho dos versos porque na infância lhes roubaram o caramelo essencial: a dignidade de viver; ou, na adolescência, sem saber o que fazer com paixões abismais pelas primas custosas, gritaram versos como o último refúgio para suportar a dor. Passado o susto da paixão, suscitaram-se na vida como entes versegantes porque o desejo lhes assombrou. No susto existencial, sem saber para onde ir, depois de pensarem em suicídio, de programarem um assassinato de um algoz, de tornarem-se andarilhos, emendaram quadrinhas apaixonadas. E essas quadrinhas são milagrosas - há de se acreditar! Ouvi histórias de alguns. Disseram-me que as primas sumiram numa viagem de turismo eterno para o território do casamento, dos filhos e das contas-a-pagar no final do mês. Adeus paixão! Então eles ficaram com os versos; e versos - sabemos - são formas compreensivas e interrogativas que ultrapassam a velocidade da luz. Vai saber! Tenho o costume de embulhar as lágrimas desses poeitinhas tortos, por isso, memorizo os seus versos escarrados, lambidos com guardanapo nos olhos. Valorizo seus trechos e suas quadras como se fossem o soneto do Vinicius, a bateria de Cazuza, a prosa buarqueana, o requinte prosapoético de Fadelíssimo. E a puta-que-pariu todas as covardias, todas as dores, todos os medos. Poesia é para criar coragem de viver.

É para ultrapassar uma vida-de-Estado. É para gratificar de beleza tudo que se sente. É para pôr fogo no mundo - e no espírito. Poesia é para desenhar flores, as maiores flores, as únicas flores: a alma humana e a sua potência para a justiça. Nem sempre esses poetas manuseiam a linguagem sem olvidar Castro Alves, Gonçalves Dias, Cecília. Mas isso não interessa muito, pois o que vale é a consistência de propósito, a vontade de colocar as mãos no próprio sentimento; a parceria com Maiakovski, Neruda, Gabriela Mistral, mesmo a sua revelia, para interrogar o tempo, os processos de dominação, de extermínio e de castração de vida. Ocorrem desses poetas de ponta de rua não terem lido nada fora do sentimento gerado por uma vida difícil no mundo das relações humanas. Sua fonte pode ser a gramática rica das peladas de bola, dos sotaques de experiências de trabalho como engraxates, vendedores de imóveis, atendentes de supermercados, serventes de pedreiros, auxiliares de oficinas mecânicas, trabalho na condição de domésticas, diaristas.

Mas a sua poesia é um dizer crasso: “estamos aqui, sentimos, não gostamos de vida apedrejada, queremos o gozo, a liberdade, a coragem”. Alguns amigos de sina poética fazem excelentes vitaminas de erudição com coisa simples, humorada, cotidiana. O poeta mineiro Joaquim Pedro, haikaisista maior, certa vez escreveu:

DEIXOU A MULHER EM CASA

E FOI JOGAR UMA PELADA

Outra vez num tom crítico e filosófico lançou com inteligência:

DA GAIOLA

SÓ O CANTO VOA

Muitas vezes leio os poetas marginais, ouço-os e deixo-os sem me despedir. Silenciosamente saio vagarinho para

encontrar Cremildinha. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.